



O *talian*: morfossintaxe quase resistente, léxico nem tanto

Carmen Maria Faggion¹
Universidade de Caxias do Sul

Resumo: Estudos efetuados pelo projeto Morfossintaxe do vêneto sul-rio-grandense mostram que esse vêneto, o *talian*, mantém, junto às gerações mais experientes, muitas de suas estruturas gramaticais peculiares. No entanto, sua fonte de inovação lexical tem sido predominantemente o empréstimo, tomado da língua dominante. Para isso contribuem aspectos culturais que determinaram a desvalorização do vêneto e de quem o falava. Pode-se falar em dupla depreciação, ocorrida na primeira metade do século XX: do dialeto vêneto em relação à língua majoritária, o português, que era também a língua da educação e a língua oficial, e da cultura italiana de origem, essencialmente rural, em relação a culturas urbanas, conhecidas em terras brasileiras, numa nova realidade que se apresentava como a do progresso e do desenvolvimento. O presente trabalho apresenta uma investigação inicial de aspectos morfossintáticos e empréstimos lexicais, coletando dados em textos escritos em *talian*. Os aspectos morfossintáticos analisados, no *talian*, são os usos da partícula *ghe*, a persistência da concordância do participípio com o objeto direto preposto e a perda do uso específico dos verbos auxiliares, na fala dos jovens. Os aspectos lexicais investigados são a presença de portuguesismos (a partir de dados de Frosi e Mioranza, 1983; Frosi, 2001; Faggion e Frosi, 2010), com reflexão a respeito dos diferentes critérios que podem ter determinado sua adoção, e as contribuições do vêneto na frase portuguesa, em processos de code-switching, com palavras que, com muita frequência, são depreciativas ou configuram turpilóquio. Configura-se extinção?

Palavras-chave: morfossintaxe, sociolinguística, *talian*.

Abstract: The South Brazilian Venetian, also called *Talian*, has its peculiar grammatical structures maintained by its older speakers. Nevertheless, lexical innovation is mostly due to loaning from Portuguese. Cultural aspects have determined the stigmatization of the Italian dialect and its speakers, which occurred roughly in the first half of the twentieth century. Firstly, the status of the Italian dialect in relation to the majority language, Portuguese, that was the language of education and the official one; secondly, the depreciation of the original Italian culture, essentially rural, in opposition to new urban Brazilian cultures, linked to progress and development. This paper presents the first steps of an investigation on morfossyntactic aspects and lexical loaning, based on data collected in texts of written *Talian*. Morfossyntactic items analyzed are the use of particle 'ghe', the persistence of agreement with dislocated direct object, and the use of only one auxiliary verb in the speech of younger people. Lexical aspects investigated are the presence of words of Portuguese origin (through other studies like Frosi and Mioranza, 1983; Frosi, 2001; Faggion and Frosi, 2010), and the South Brazilian Venetian contributions to the Portuguese phrase, especially in code-switching instances. These words are very often depreciative, or bad language. Do these aspects point to the extinction of this dialect?

Keywords: syntax, sociolinguistics, *Talian*.

¹ cmfaggio@ucs.br



1. Introdução

O Projeto *Morfossintaxe do Vêneto Sul-Rio-Grandense*, da Universidade de Caxias do Sul, tem por objetivo descrever e analisar, à luz do modelo funcional, estruturas morfossintáticas desse dialeto, comparando a seguir essas estruturas às do vêneto italiano e à da língua portuguesa. Analisa-se também a formação de novas palavras.

No presente trabalho, tecem-se considerações a partir da análise das seguintes estruturas: emprego dativo da partícula multiuso *ghe*; o uso partitivo de *ghen*; concordância do particípio com objeto direto preposto ao verbo; auxiliar exclusivo (*aver*) na fala dos jovens; formação de palavras por empréstimo. Quanto a este último aspecto, investiga-se a presença de portuguesismos (a partir de dados de Frosi e Mioranza, 1983; Frosi, 2001; Faggion e Frosi, 2010), com reflexão a respeito dos diferentes critérios que podem ter determinado sua adoção, e as contribuições do vêneto na frase portuguesa, em processos de *code-switching*.

As referências teóricas dizem respeito ao modelo de análise e a trabalhos sobre o dialeto vêneto sul-rio-grandense. A análise será feita a partir do modelo funcional (cf. Dik, 1997), mas as denominações adotadas (dativo, genitivo, locativo, etc.) são as bem tradicionais, com o propósito de torná-las imediatamente reconhecidas, visto que o objetivo do trabalho é descritivo, e não se pretende discutir terminologia. Para o estudo do dialeto vêneto sul-rio-grandense, que aqui chamaremos indiferentemente assim ou referiremos como *talian*, tanto em sua constituição como em aspectos gramaticais, o ponto de partida serão trabalhos já efetuados (Frosi; Mioranza, 1983, 2009; Frosi, 1987; Frosi, 1996; Stawinski, 1987; Luzzatto, 1987; Paviani, 2004; Faggion, 2006).

Quanto à metodologia, procedeu-se a uma coleta de dados em textos escritos em vêneto sul-rio-grandense, tais como os de Bernardi (1980), Balen (1987), Luzzatto (1983, 1985, 1987). A preferência por textos escritos se deveu a uma impossibilidade de organizar um *corpus* em vêneto, dada a necessidade de recorrer principalmente a falantes idosos de zonas rurais, um trabalho que ainda está em preparação. Os dados sobre o auxiliar único entre os jovens foram colhidos em entrevistas realizadas em Faria Lemos, distrito de Bento Gonçalves, em 1999, com solicitação de tradução para o vêneto de frases em português, dadas a seis



peessoas com mais de cinquenta anos e seis com menos de trinta. Tais frases, como “Eu fiz a polenta” e “Eu fui a Garibaldi”, requerem dois diferentes verbos auxiliares na construção do tempo pretérito: “Mi go fato la polenta”, com o auxiliar *aver* (*avere* no italiano padrão, ‘ter’²) e “Mi son ‘dato a Garibaldi”, com o auxiliar *esser* (*essere* no italiano padrão, ‘ser’).

2. O vêneto sul-rio-grandense ou *talian*

O dialeto italiano falado, desde os inícios da imigração italiana, na Região de Colonização Italiana do Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, é chamado vêneto sul-rio-grandense, *coiné*, dialeto italiano, *talian*.

Os imigrantes, num processo que iniciou em 1875, provieram da Lombardia, Vêneto, Trentino Alto-Ágide e Friuli Venécia-Júlia (cf. Frosi e Mioranza, 2009). Essas regiões da Itália Setentrional mantêm reconhecida diferenciação dialetal (v., a esse respeito, Rohlf, 1968, 1969; Zamboni, 1974; Cortelazzo, 1974; Marcato; Ursini, 1998; entre muitos outros).

No Rio Grande do Sul, instalados os imigrantes aleatoriamente, com vários dialetos na mesma área, surgiu a necessidade de um instrumento de comunicação comum, que acabou sendo um supradialeto, a *coiné* (ou *koiné*): “uma mescla básica dos dialetos vênéticos mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 70).

Durante muito tempo estigmatizada (v., a esse respeito, Frosi; Faggion; Dal Corno, 2010), a língua portuguesa falada pelos ítalo-descendentes conserva traços desse vêneto que, hoje, cada vez mais, esse cede espaço à língua portuguesa. O dialeto italiano parece cada vez mais restrito às zonas rurais remotas e às gerações mais antigas.

Quanto aos (poucos) textos escritos em vêneto sul-rio-grandense, estes são, em sua maior parte, de intenção jocosa ou de caráter memorialista. O uso do dialeto nesses gêneros

² As referências que faço ao italiano padrão têm por objetivo mostrar ao leitor uma dada característica através de uma língua mais conhecida que o *talian*.



parece demonstrar que seu uso é familiar ou ligado à comunidade próxima, cumprindo funções comunicativas de uso cotidiano, coloquial. Na comunidade mais ampla, no trabalho, na educação, na imprensa, nos atos oficiais, só se usa a língua portuguesa. Configura-se, portanto, o que Romaine (2006) identifica como línguas – ou variedades – Alta e Baixa, numa comunidade bilíngue.

Veremos a seguir as características selecionadas do vênето sul-rio-grandense, já referidas na Introdução: o uso dativo de *ghe*, o uso partitivo de *ghen*, a concordância com objeto direto preposto, o uso exclusivo do auxiliar *aver* na fala dos jovens e a presença de portuguesismos como processo mais corrente de formação de palavras.

3. O uso dativo de *ghe*

Destacamos aqui um dos usos dessa partícula que, no dialeto vênето sul-rio-grandense, e também nos dialetos vênетos italianos, cumpre muitas funções. No *talian*, são onze, a mais frequentemente usada sendo o dativo, mas ocorrendo também uso comitativo, locativo e outros (v. Faggion, 2006).

No uso dativo, corresponde ao português padrão *lhe*, italiano padrão *gli*, *le*, *loro*. Um exemplo em *talian*: *El toso ghe mostra i pugni* (Bernardi, 1980, p. 19), ‘o rapaz lhe mostra os punhos’. Diferentemente da tradução portuguesa, que traz *lhe*, não tão frequente na linguagem popular (em que se usaria, talvez, ‘pra ele’), o *talian* emprega largamente o *ghe*. Os dicionários dialetais italianos também registram esse uso de *ghe* (por exemplo, Cherubini, 1968, p. 213, Andreis, 1974, p. 36).

A par disso, observam-se outros usos: comitativo ou adjunto adverbial de companhia (*ghe seri insieme*, ‘estávamos junto com ele’), locativo (*ghe stao*, ‘eu fico aqui’), existencial (*ghe ze gente*, ‘há gente’), genitivo (*se ghe sente la spussa*, ‘sente-se o mau cheiro dele’) e outros. Trata-se de uma partícula complexa, como se vê, e de largo emprego.

O interessante é que a partícula parece ser um agregador de palavras vênетas ao redor dela, em qualquer de suas funções. Não se observam alternâncias de código com esse uso. Ou



seja, o falante dirá *mi ghe lo go dito* ou *eu disse pra ele*, nunca ocorrerão formas híbridas do tipo **mi lo go dito pra ele* ou **eu ghe disse*.

Por tal motivo, Frosi e Faggion (2010) consideram *ghe* um ponto nodal importante de manutenção de código. Quando quer que haja esse uso, o que cerca a partícula é dialeto italiano.

Com isso, surge uma hipótese: elementos linguísticos complexos (que concentram muitas funções) constituem fator de manutenção de código, em situações de bilinguismo.

4. Ghen, um uso peculiar

A partícula *ghen* apresenta um uso partitivo. Exemplo: *ghen avemo fato arquante* (título de um livro de Luzzatto), em tradução livre ‘nós fizemos muitas [dessas]’.

Está aí embutida a partícula *ne*, de uso corrente em italiano padrão (por exemplo: *Quanti anni hai? Ne ho trenta*). Esta partícula parece não existir no vêneto sul-rio-grandense, mas de fato existe, na forma *ghen* e em sua variante *ghin*. A mesma frase, no vêneto sul-rio-grandense, seria *Quanti ani gheto? Ghen’o trenta* – ‘quantos anos tens? Tenho trinta [desses]’.

A partícula *ne* tem também várias funções, uma delas partitiva. Observe-se que essa partícula ainda é usada nos dialetos vênéticos italianos, mas não no vêneto sul-brasileiro. Neste só persiste a forma *ghen*, união de *ghe* e *ne*, duas partículas com funções bem específicas, que se ligaram de tal forma que passam a ser vistas como indecomponíveis. Ou, visto o caso à luz da teoria da gramaticalização (Hopper; Traugott, 1993, p. 4-17), *ghen* constitui um caso de reanálise.

Vê-se, pois, que a forma *ghe* do dialeto vêneto sul-rio-grandense apresenta correspondências muito claras com a forma dos dialetos vênéticos (e lombardos) italianos. Uma das diferenças básicas é que nos dialetos italianos persiste o uso de *ne*, enquanto no dialeto vêneto brasileiro este só persiste na forma *ghen*.



E é válido repetir: essas formas complexas só são cercadas de palavras do dialeto italiano, não co-ocorrem com formas do português.

5. Concordância com OD preposto

Ocorre ainda, entre os falantes do dialeto vênето sul-rio-grandense, a concordância do particípio com o objeto direto, quando este estiver colocado antes do verbo.

Assim, dir-se-ia *go visto* ‘na dona ‘eu vi uma mulher’, com o objeto após o verbo e o particípio *visto* na forma não-marcada, masculina. Se a frase, no entanto, fosse construída com um pronome, e este fosse colocado antes do verbo, o particípio concordaria com ele: *la go vista* ‘eu a vi’. O particípio, como se vê, assume a forma feminina. O mesmo ocorre com plurais: *li go visti* ‘eu os vi’ tem particípio no masculino plural, concordando com o pronome objeto direto; *le go viste* ‘eu as vi’ tem pronome objeto direto e particípio femininos plurais.

No português contemporâneo, isso não ocorre. Além disso, constrói-se o pretérito como tempo simples. Portanto, não há correspondência entre as duas línguas, quanto a essa estrutura.

A não-correspondência parece ser um fator de manutenção da estrutura original inteira. Se, na mente de um bilíngue, mantém-se essa estrutura, ela permanece inalterada, tal como é empregada na língua original; e não sofre influência da segunda língua. Parece que a dessemelhança estrutural funciona como barreira para a transferência.

6. Uso exclusivo do auxiliar *aver* na fala dos jovens

Conforme já mencionamos na introdução, ao explicitar a metodologia, foram apresentadas a falantes de diferentes faixas etárias de um dos distritos de Bento Gonçalves, RS, frases portuguesas simples, solicitando-se versão delas em dialeto italiano.



Essas frases, como “Eu fiz a polenta” e “Eu fui a Garibaldi”, requerem dois diferentes verbos auxiliares na construção do tempo pretérito: “Mi go fato la polenta”, com o auxiliar *aver* (*avere* no italiano padrão, ‘ter’) e “Mi son ‘dato a Garibaldi”, com o auxiliar *esser* (*essere* no italiano padrão, ‘ser’).

Como no italiano padrão, como em francês e como em muitas outras línguas, verifica-se no vênето sul-rio-grandense o uso do verbo *ter* como auxiliar em geral, e do auxiliar *ser* com determinados verbos de movimento (*‘ndar*, *vegner*, *arrivar* – ‘ir’, ‘vir’, ‘chegar’ e outros) e com verbos pronominais (*mi me son desmentagà*, ‘eu me esqueci’).

Entre os falantes de mais de cinquenta anos, todas as frases foram traduzidas do modo indicado acima: “mi go fato la polenta”, com auxiliar *aver* (a forma é *go*, em glosa teríamos ‘eu tenho feito a polenta’, ou seja: primeira pessoa – auxiliar *ter* – particípio do verbo *fazer* – a polenta. Com o verbo *‘ndar*, ‘ir’, todos os falantes de mais de cinquenta anos utilizaram auxiliar *esser*, ‘ser’: “mi son ‘ndato a Garibaldi”.

Entre os seis falantes, três homens e três mulheres, de menos de trinta anos, cinco construíram a forma **Mi go ‘ndato a Garibaldi*, com o auxiliar *aver*, ‘ter’. O único que acertou o auxiliar foi exatamente o que tinha trinta anos completos.

O que se vê aí é a utilização do auxiliar *aver* ‘ter’, *avere* no italiano padrão, com verbos de movimento do tipo *ir*, *vir*, etc., o que contraria uma estrutura gramatical muito típica da língua. Tais verbos teriam como auxiliar *esser* ‘ser’, *essere* no italiano padrão.

Os jovens confessavam que falavam “muito pouco” o dialeto italiano. Preservaram, como se vê, a estrutura que é estranha para quem é falante do português: o tempo composto, o pretérito formado por auxiliar mais particípio. Mas não conseguiram identificar a peculiaridade de um grupo específico de verbos, que demandam auxiliar especial.

Se esse fato aparecesse isoladamente, eu aventaria a hipótese (v. Faggion, 2011) de que se trata de uma mudança linguística. Contudo, a fala hesitante de alguns, o desconhecimento de palavras, o emprego de frases simples, tudo concorre para que se diga que se trata de um desconhecimento gramatical.



A propósito, só procedi a essa investigação comparativa depois de haver verificado, muitas vezes, de oitiva, que os mais jovens, ao ensaiarem dizer algo em *talian*, equivocavam-se quanto ao emprego do auxiliar. Era um dado de observação, válido enquanto verificável. Confirmou-se. Hoje, é cada vez mais difícil ouvir jovens tentarem falar *talian*.

7. Empréstimos do português

Os empréstimos do português, no vêneto sul-brasileiro, recobrem diferentes áreas lexicais.

Alguns empréstimos mais antigos se referem a comidas, e aparentemente foram adotados nos primeiros anos, porque a palavra no vêneto italiano era muito diferente da palavra portuguesa. É por isso que *banha* foi adotada no lugar de *grasso*, e *milho* no lugar de *grano turco* (exemplos de Frosi; Mioranza, 1983, p. 330; Frosi, 1987 a, p. 227).

Logo apareceriam novos elementos culturais no mundo dos imigrantes. Eram designados através de seus nomes portugueses. Assim, há *sorasco* ou *chorasco* para *churrasco*, e Bernardi (1976 [1924], p. 115) menciona *simarón*, voz correspondente a *chimarrão*.

Nesse novo mundo, as pessoas costumavam usar *tamanchi* para trabalhar, do português *tamancos*, em vez de *zocoi*, registrado por Boerio (1971, p. 814) para o vêneto italiano (italiano padrão *zoccoli*). Em casa, usariam *sinele*, do português *chinelos*, mesmo tendo a palavra *zavate*, registrada por Boerio (1993, p. 811), algumas vezes pronunciada *savate* no vêneto sul-brasileiro, onde é usado como uma alternativa para *sinele*. (Compare com o italiano padrão *ciabatta*.) O nome para *botas*, *stivai*, persistiu por muito tempo, uma vez que a palavra portuguesa *bota* tem uma homônima em vêneto que significa 'pancada', ou 'batida', ou 'soco', entre outros significados (BOERIO, 1971, p. 94). Luzzatto (1987, p. 117) lembra a palavra muito interessante que, na sua infância, designava tênis: *sampioni*, proveniente de *Champion*, uma marca comercial.

No domínio do vestuário, alguns nomes foram adotados do português: *blusa*, *casaco*, *casacon* por *casacão*, *sobretudo*, *capa*; e alguns de outras línguas, via português: *xorte*, do



inglês *shorts*, *maiô*, do francês *maillot*, *chambre*, do francês *robe de chambre*, *pulôver*, do inglês *pullover* (v. Frosi e Faggion, 2010).

Elementos da natureza só aqui conhecidos, como frutas e animais, eram designados por seus nomes portugueses (muitas vezes de origem indígena), especialmente pássaros.

As pessoas tinham designações características. Os índios e seus descendentes, designados como *bugres*, eram chamados de *bulgheri* ou *bulgari* pelos ítalo-descendentes (a palavra aparece em Bernardi, 1976, p. 97; e em Balen, 1981, p. 126). Talvez tenha sido decalcada do italiano *bulgaro*, tendo persistido na palavra o traço semântico 'estrangeiro'. A palavra *brasilian*, e sua correspondente portuguesa, *brasileiro* era usada com um significado peculiar, designando todos os que não fossem nem italianos nem ítalo-descendentes.

Frosi (1987, p. 227) também registra algumas profissões que são designadas por seus nomes portugueses, a despeito de existirem formas vênetas: *assoghero*, por *açougueiro*, no lugar de palavras da *coiné* como *becaro*, *becher*; e *alfaiate*, em vez do vêneto *sartor*; *costureira*, no lugar de *sartora*; também *cozinheiro* em vez do vêneto *cogo*; e *sapateiro* pelo vêneto *scarparo*, *scarper*.

No domínio das palavras domésticas do dia-a-dia, ocorrem trocas marcantes. Palavras portuguesas como *tigela*, *travessa*, *facon* por *facção* são adotadas, mas algumas palavras vênetas serão mantidas, tornando-se parte da frase portuguesa: *mescola*, um pau usado para mexer polenta; *mastela*, um recipiente grande de madeira ou argila; *cagliarin* or *brondo*, um tacho para cozinhar polenta. Dos anos 1950 em diante, novos objetos entraram nas casas, e seus nomes são sempre em português: *liquidificador*, *batedeira*, *geladeira*, *aspirador*, *máquina de lavar*. E as famílias agora poderiam comprar seu carro, que não será chamado de *macchina*, mas de *auto* (por *automóvel*) ou *caro* (por *carro*).

Também ocorrem empréstimos do dialeto vêneto para o português da região. As entradas lexicais pertencem a diferentes domínios semânticos. De acordo com Battisti (2006, p. 14), tais domínios semânticos ilustram as contribuições culturais e sociais dos italianos e seus descendentes para o novo país. Battisti (2006, p. 14) menciona a gastronomia como um dos domínios mais amplos. No entanto, há também muitos italianismos incorporados à frase do português da região, com alternância de códigos. Destes, muitos são adjetivos pejorativos (como *bauco*, *tchuco*, *sucon*, *testa dura*³, ou seja, 'tolo', 'bêbado', 'estúpido', 'teimoso') e há

³ Esses e muitos outros exemplos se encontram no *Dicionário de Italianismos* (Battisti et al., 2006).



muitas ocorrências no domínio do turpilóquio (v. Faggion, 2009; Frosi, Dal Corno e Faggion, 2011).

8. Considerações finais

Verifica-se a vitalidade dessa variedade do italiano, visto que algumas de suas estruturas peculiares são resistentes à ação do contato linguístico. Por exemplo, a concordância do participípio com o objeto direto preposto, a manutenção do caráter partitivo em *ghen*, os usos de *ghe*.

A partícula multiuso *ghe*, além de cumprir suas muitas funções, parece constituir um fulcro ao redor do qual só ocorrem formas italianas, e não portuguesas. É, pois, um preservador de uso de língua.

Ao mesmo tempo, contudo, as gerações mais jovens abandonam um dos aspectos específicos da gramática do *talian* (na verdade, da língua italiana em geral), o uso do auxiliar *ser* com determinados verbos de movimento.

A par disso, verifica-se crescente número de palavras portuguesas fazendo parte do léxico do vêneto sul-rio-grandense.

Os primeiros resultados de nossa investigação mostram que a maior parte dos textos em vêneto sul-brasileiro são memórias ou histórias engraçadas, nos quais os empréstimos do português se referem a novas experiências e a novos objetos, e se conformam aos traços fonéticos e morfológicos do dialeto italiano. Esses empréstimos são adotados e integrados. Talvez a maior fonte de novas palavras no vêneto sul-brasileiro seja a língua portuguesa. Isso confirmaria as opiniões sobre a tendência para o desaparecimento desse dialeto italiano num curto espaço de tempo (Ver, por exemplo, Frosi, 2000). No entanto, o que parece apontar para isso é o número cada vez maior de jovens que não sabem *talian*.



Referências

- ANDREIS, Mario. *Vocabolario del dialeto vicentino*. Vicenza: Galla, 1974.
- BALEN, Ítalo. *Os pesos e as medidas: poemeto caxiense da década de vinte*. Caxias do Sul: UCS/Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes, 1987.
- BATTISTI, Elisa et alii. *Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.
- BERNARDI, Aquiles. *Vita e Stória de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*. 6.ed. Porto Alegre, EST São Lourenço de Brindes/ Caxias do Sul, Correio Rio-Grandense, 1980.
- BOERIO, Giuseppe. *Dizionario del dialetto veneziano*. Firenze: Giunti, 1993.
- BOERIO, Giuseppe. *Dizionario del dialetto veneziano*. Milano: Aldo Martello, 1971.
- CHERUBINI, Francesco. *Vocabolario milanese – italiano*. Milano: Aldo Martello, 1968.
- DIK, Simon. *The theory of functional grammar – part I*. Dordrecht: Foris, 1989.
- FAGGION, Carmen Maria. O uso de *ghe/ghen* em registros escritos do dialeto italiano da Serra Gaúcha. LIMA, Marília S.; FONTANA, Niura M. *Língua estrangeira e segunda língua: estudos descritivos*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2006.
- FAGGION, Carmen Maria . Persistência de uma língua no turpilóquio. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa, PB. Anais do VI Congresso internacional da ABRALIN. João Pessoa, PB : Ideia, 2009. p. 635-641
- FAGGION, Carmen Maria ; FROSI, Vitalina Maria . Lusismos no Vêneto sul-rio-grandense. In: IX Encontro do CELSUL, 2010, Palhoça, SC. Anais do IX Encontro do CELSUL, 2010. p. 1-11.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul, EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.
- FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialeto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. ZILIO, Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987. p. 215-236.
- FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 158-167.
- FROSI, Vitalina Maria. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística. CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (orgs.). *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875 – 1997*. Passo Fundo, RS: UPF, 2000.



FROSI, Vitalina Maria. L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In: MARCATO, Gianna (a cura di.), *I confini del dialetto*. Padova: UNIPRESS, 2001.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2010.

FROSI, Vitalina Maria; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. ; FAGGION, Carmen Maria. Análise da produção do turpilóquio na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: o que (não) se diz. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Curitiba: Congresso Internacional da ABRALIN, 2011.

LUZZATTO, Darcy L. *L'mio paese 'l è così*. Porto Alegre, D.C. Luzzatto, 1987.

LUZZATTO, Darcy L. *El nostro parlar*. Porto Alegre, Sagra/D. C. Luzzatto, 1993.

LUZZATTO, Darcy L. *Talian (vêneto brasileiro)*: noções de gramática, história e cultura. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

MARCATO, Gianna; URSINI, Flavia. *Dialetti veneti: grammatica e storia*. Padova: UNIPRESS, 1998.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. *O pronome ético*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2004.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: morfologia*. Torino: Giulio Einaudi, 1968.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Giulio Einaudi, 1969.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2.ed. Malden, MA: Blackwell, 2006.

STAWINSKI, Alberto V. *Dicionário do dialeto vênето sul-rio-grandense - português*. Porto Alegre: EST S. Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

ZAMBONI, Alberto. Veneto. In: CORTELAZZO, Manlio. *Profilo dei dialetti italiani*. Pisa: Pacini, 1974.